

BELEZA E ESPANTO: UM RELATO SOBRE A CAPACIDADE DE SE (RE)CRIAR EM MEIO À PRECARIEDADE MATERIAL

Marcielle Schneider¹

Resumo

O emprego de um olhar atento e sensível às diversas situações do dia a dia tem o poder de definir a posição que se assumirá diante daquilo que se vê. Partindo desse princípio, este artigo apresenta, por meio de um relato de experiência, a trajetória percorrida por educadores desde a Escola Municipal de Educação Infantil, etapa em que atuam, até a casa da família de uma criança relacionada à instituição, demorando-se na descrição de espaços determinados a fim de perceber alguns detalhes nesse caminho. Assim, o presente artigo parte da análise do entorno da escola, descrevendo as características que o diferenciam das demais regiões da cidade, trazendo elementos que, ao longo do trabalho, se fazem fundamental para que a produção da sensibilidade por parte do leitor aconteça. Com o objetivo de desconstruir conceitos pré-estabelecidos, o relato traz, além das impressões dos educadores acerca do que conheceram nessa visita, as reflexões que surgiram em momentos posteriores – certificando-se do quanto essa simples caminhada deixou marcas em suas memórias e os fez reconsiderar uma série de impressões previamente estabelecidas. O artigo também mostra quanta responsabilidade a escola carrega em relação ao fato de ela ser um agente de transformação de pensamentos extremamente potente, tendo a oportunidade de dar cada vez mais espaço às igualdades ao debater temas como a pobreza e a desigualdade e colocar as produções artísticas e culturais das populações mais pobres em um lugar de onde nunca deveriam ter sido retiradas: o centro das atenções. Conclui-se o quanto problematizar o que se entende de conceitos como “Arte”, “Desigualdade” e “Classes superiores” é importante para se definir os rumos das discussões e entender como a escola, por exemplo, deve posicionar-se ao assumir o papel de agente de transformação de pensamentos da sociedade, fornecendo igualdade de condições em relação ao espaço para debate de temas como a pobreza e a desigualdade.

Palavras-chave: Educação; Arte; Cultura; Desigualdade social;

INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado como produto final do Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social, oferecido pela UFRGS e cursado por mim

¹ Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo (EMEI Irmã Valéria). Formada no Curso Normal. Licenciatura em Pedagogia (em andamento) e Curso de Aperfeiçoamento: Educação, Pobreza e Desigualdade social. E-mail: marcielles@novohamburgo.rs.gov.br

entre os anos de 2017 e 2018. O presente trabalho tem o objetivo de apresentar, por meio de um relato de experiência e de uma análise teórica, o quanto o emprego de um olhar cuidadoso, delicado e que se demora em cada espaço é capaz de perceber, mesmo nas situações materiais mais precárias, em que comumente não se espera que os sujeitos que ocupam esses espaços tenham coisas boas a oferecer, detalhes que compõem histórias belas e surpreendentes. Assim, procuro transformar o relato de visita à casa de uma família extremamente pobre relacionada à escola municipal onde atuo em uma narrativa sob outra perspectiva: a da empatia e da resiliência, num espaço/tempo em que se permita reformular os olhares sobre as sutilezas e belezas escondidas em toda a volta, tornando-as perceptíveis e aprendendo a desocultá-las.

AÇÃO EDUCATIVA DE PRODUÇÃO DA SENSIBILIDADE

Posturas que associam a pobreza apenas à carência são, infelizmente, comuns. É preciso refletir, porém, sobre de que forma esse desprovido de recursos financeiros é, muitas vezes, entendido pela sociedade, pois é possível perceber que, frequentemente, a pobreza é compreendida como escassez de espírito, de valores e, inclusive, como incapacidade para o estudo e a aprendizagem – enquanto, na verdade, dever-se-ia atentar para as privações materiais que impossibilitam uma vida digna e justa a esses sujeitos.

Podemos observar que a pedagogia e a docência tendem a considerar, sobretudo, supostas carências intelectuais e morais que os(as) estudantes pobres carregariam para as escolas. Essas são carências de conhecimentos, de valores, de hábitos, de estudo, de disciplina, de moralidade. Desse modo, reforça-se uma concepção moralista sobre os pobres que se encontra há muito tempo em nossa cultura política e pedagógica: a pobreza moral dos pobres produzindo a sua pobreza material (BRASIL, 2013, p.08).

Uma possível solução para enfrentar e desconstruir esse tipo de preconceito é articular os currículos e as políticas educativas a fim de, primeiramente, reconhecer a existência dessas diversidades para, em seguida, estabelecer a sua coexistência de forma harmoniosa. Para Brasil (2013), “Isso exige que os currículos se contraponham à transformação das diferenças em desigualdades”. Assim, através de atitudes constantes de reforço ao combate às desigualdades desde os primeiros anos escolares, em um

processo contínuo e ininterrupto, reduzir-se-iam à insignificância as diferenças de gênero, raça, classe, etnias e territórios.

Ensine-lhe sobre o privilégio e a desigualdade e sobre a importância de dar dignidade a todos os que não querem prejudicá-la. Ensine-lhe que os trabalhadores domésticos são humanos como ela, ensine-lhe a cumprimentar sempre o motorista. Associe essas expectativas à identidade dela – por exemplo, diga: “Em nossa família, quando se é criança, cumprimenta-se os mais velhos, não importa o serviço que fazem”. Torne a diferença algo comum. Torne a diferença normal. Ensine-a a não atribuir valor à diferença. E isso não para ser justa ou boazinha, mas simplesmente para ser humana e prática. Porque a diferença é a realidade do nosso mundo. E, ao lhe ensinar sobre a diferença, você a prepara para sobreviver num mundo diversificado. Ela precisa entender que as pessoas percorrem caminhos diferentes no mundo e que esses caminhos, desde que não prejudiquem as outras pessoas, são válidos e ela deve respeitá-los. (ADICHIE, 2017, p. 53)

Para contemplarem a temática da pobreza e das desigualdades em seus currículos, as escolas precisam dar espaço às reflexões sobre as diferentes realidades sociais, tratando da problematização desses assuntos como um dos principais assuntos que permeiem a jornada escolar, já que estão presentes nas vivências cotidianas desses espaços e, portanto, não é cabível que passem despercebidos pedagogicamente. Uma das primeiras medidas para fazer tal idealização trilhar o caminho correto possivelmente seja a mudança no pensamento e na percepção da pobreza que os próprios professores têm, pois, enquanto existirem nos espaços escolares os comentários maldosos, que reforçam a visão moralista da pobreza, o discurso inverso não terá espaço. É preciso que o quadro de funcionários de cada espaço escolar se coloque na função de agente de transformação de pensamento, e isso só acontecerá de forma legítima quando todos realmente acreditarem na potência de tais problematizações.

Desconstruir a ideia que associa a cultura à erudição também é uma forma muito potente de se dar espaço à pobreza nos currículos escolares, trazendo a arte popular produzida por artesãos locais, por exemplo, para ocupar os espaços da escola, ser objeto de estudo e permear as discussões pedagógicas (seja com as crianças, seja com os demais adultos da escola).

É preciso buscar formas de se produzir imagens alternativas aos estereótipos de criminalidade e fracasso associados a esse segmento da sociedade para, enfim, desocultar as belezas escondidas nesse emaranhado sutil de criatividade e sonhos que atravessam os becos e vielas mundo afora.

METODOLOGIA

Para pensar uma metodologia que contribuísse com novas lentes para potencializar meu olhar e fazer docente, recorri à inspiração etnográfica, na qual pude revisitar todas as memórias que venho construindo desde o ano de 2014 como professora dessa comunidade.

Além disso, ao me basear em Klein e Daminico (2012), considero significativo colocar em ação as estratégias investigativas que o autor aborda. Segundo essa perspectiva, alguns elementos são cruciais para a análise que teço a seguir. Dentre eles: a) elementos de autorreflexividade sobre o trabalho, da relação entre pesquisador e o que está sendo pesquisado; b) promoção da compreensão mediante reconhecimento, identificação, experiências pessoais, emoção, discernimento e formas de comunicação e c) utilização de interrupções feitas por artefatos culturais.

Baseada por esse aporte teórico metodológico, organizei ações voltadas à percepção de artefatos culturais que constituem a comunidade em que a escola está inserida, perpassando e contribuindo na formação dos sujeitos que frequentam a nossa escola - sejam eles as crianças, as famílias, os funcionários ou os educadores.

A COMUNIDADE ESCOLAR

Para compreender a realidade analisada a seguir, elenco uma série de elementos que ilustram o entorno da instituição de ensino escolhida para esta análise: trata-se da Escola Municipal de Educação Infantil Irmã Valéria, localizada no bairro Canudos, em Novo Hamburgo/RS. Esse bairro ocupa a maior área urbana do município e, por consequência, é extremamente populoso. São muitos os estabelecimentos comerciais, postos de saúde, escolas (públicas e privadas), fábricas, etc., dessa região. No que diz respeito à moradia dessa parte da população, vale destacar que, além da existência de casas construídas de forma regulamentada, em terrenos próprios das famílias e à beira das ruas pavimentadas, há também um número significativo de construções feitas em espaço público (popularmente denominados como “casas de invasão”), o que forma novos arranjos no entorno da escola. São estas as casas construídas à beira do Arroio Pampa, próximo à escola, ou então a partir da criação de becos. Nesses cenários, é

comum encontrar elementos como chão de barro e uso de placas/madeiras/isopores/papelões, entre outros tantos tipos de materiais para formar muros e paredes das casas.

A VISITA

Percorri, pela primeira vez, o caminho que vai da EMEI Irmã Valéria até a casa da família de um ex-aluno e de outra futura aluna da escola junto do coordenador pedagógico no dia 6 de dezembro de 2017. Nesta ocasião, buscamos documentos que faltavam para efetuar a matrícula da criança na nossa instituição de ensino para o ano letivo seguinte e, ao nos despedirmos, a mãe da família pediu que aguardássemos por um instante. Como um de seus filhos já havia frequentado a escola e fora aluno do professor/coordenador pedagógico que me acompanhava, havia um carinho da família por ele e pela escola. Assim, a mãe retornou de dentro da casa com um cesto artesanal em mãos e o entregou a nós. Disse que era um presente, por tudo o que a escola já havia feito pela família.

Trata-se de um cesto grande e muito bonito, além de bem feito; tem cerca de um metro de altura e cor de palha. Elogiamos o trabalho e perguntamos se havia sido ela mesma quem o fez. Quando respondeu que sim, perguntamos onde havia aprendido a fazê-lo – ao que ela reagiu de forma tímida. Falou, em tom baixo: “Ah, eu aprendi... no presídio, né. Lá, a gente ocupava o tempo com coisas assim”. Não esperávamos por esta resposta; a naturalidade de fatos como esse nos chocam por serem de uma realidade tão diferente da nossa, que esperávamos o aprendizado da técnica artesanal como algo transmitido através das gerações de uma família ou em algum tipo de curso. No trajeto de volta à escola, saindo desse beco, tive a sorte de perceber uma segunda demonstração artística em meio ao caos que aquele cenário precário representava: um poema escrito à mão na caixa do disjuntor de uma das casas da proximidade, compondo uma verdadeira declaração de amor.

A ARTE EM MEIO À PRECARIEDADE MATERIAL

Quijano (2005) afirma que “a produção dos pobres é articulada e reforçada com os processos sociais que conferem assimetria à diversidade, reduzindo o diferente à

condição de inferioridade”. Esse contexto, norteador por conflitos históricos, políticos e sociais que resultaram na dominação destes coletivos em relação às classes “superiores”, instituiu aos pobres o olhar baseado na inferioridade para defini-los e colocá-los à margem de toda a produção intelectual, cultural e ética da humanidade.

Os processos de marginalização atravessam o conjunto da sociedade. De suas formas terminais (como prisões, manicômios, campos de concentração) às formas mais modernistas (o esquadramento social), esses processos desembocam numa mesma visão de miséria, de desespero e de abandono à fatalidade. Mas esse é apenas um dos lados do que estamos vivendo. Um outro lado é o que faz a qualidade, a mensagem e a promessa das minorias: elas representam não só pólos de resistência, mas potencialidades de processos de transformação que, numa etapa ou outra, são suscetíveis de serem retomados por setores inteiros das massas. (Guattari & Rolnik, 2005, p. 88)

Nesta pesquisa, em vez de manter os olhos atentos aos aspectos carregados de sentidos negativos nos cenários de pobreza, busquei atentar para as diferentes formas de se expor a criatividade e expressar-se artisticamente que as pessoas, independentemente de sua classe social, trazem consigo. Conforme descreveu Giard (1996, p. 13), trata-se de “[...] uma criatividade que se esconde num emaranhado de astúcias silenciosas e sutis, eficazes, pelas quais cada um inventa para si mesmo uma ‘maneira própria’ de caminhar pela floresta”. As definições de Arte são muitas e extremamente variadas, visto que esse é um fenômeno cultural que existe em cada uma das comunidades mundo afora. Portanto, não cabe aplicar uma definição única e rigorosa ao termo, considerando que, em cada época, diferentes grupos sociais (ou cada indivíduo) escolhem como devem compreender e definir esse mesmo conceito. Sendo assim, a partir da citação a seguir compomos uma noção do que o termo Arte, neste trabalho, representa:

A arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa ideias e emoções. Por isso, para a apreciação da arte é necessário aprender a observar, a analisar, a refletir, a criticar e a emitir opiniões fundamentadas sobre gostos, estilos, materiais e modos diferentes de fazer arte (AZEVEDO, 2007, p. 7).

Apesar da qualidade e da quantidade de significados que as produções artísticas originadas nas periferias carregam, há ainda uma percepção generalizada que associa a cultura à erudição e a arte à nobreza. Esse olhar é o mesmo que evidencia a precariedade e os aspectos negativos daquilo que a periferia produz, colocando esta

grande parte da população à margem da sociedade e naturalizando, mesmo que não intencionalmente, o preconceito. Segundo Ramos (2017), “Para crescer, o Brasil precisa potencializar seus talentos, e o preconceito é um forte empecilho para que isso aconteça”. A produção/reprodução da arte e das diferentes formas de cultura reforçam a potência da comunidade para criar; é uma atitude de resistência e afronta ao preconceito, delineando um caminho para alcançar o reconhecimento pessoal e trabalhar a sua auto-estima.

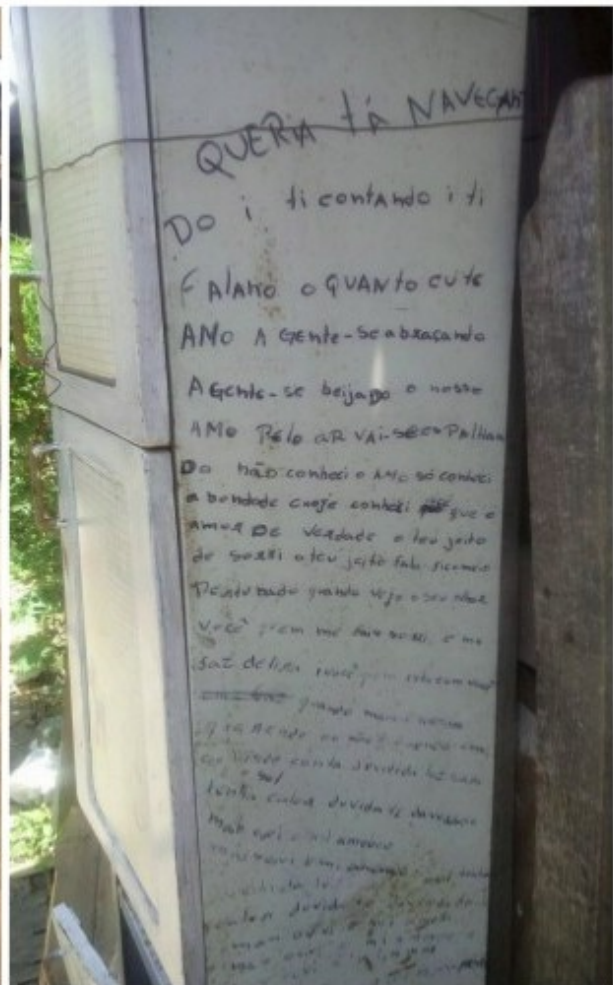
Abaixo, analisamos duas imagens:

Fotografia 1 – Exposição em shopping



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 2 – Produção da comunidade



Fonte: Acervo da autora

A imagem à esquerda (Fotografia 1) é parte da exposição “Elephant Parade – SP – 2017” em um shopping da região metropolitana de Porto Alegre/RS, enquanto a imagem à

direita (Fotografia 2) foi registrada durante a visita relatada anteriormente neste trabalho. Como se pode notar, são muitas as semelhanças entre ambas as produções, que vão desde a forma de ser usar objetos como tela até a profundidade dos pensamentos expressos através das palavras. A partir desta constatação, é possível questionar: por que as produções artísticas que seguem o estilo representado pela Fotografia 1 são vistas em exposições e na própria mídia com frequência, enquanto as produções representadas pela Fotografia 2 não ocupam os mesmos espaços?

Para Menezes (2009), “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial à medida que constitui a condição para que a outra parte da humanidade se afirme enquanto universal.” Enquanto apenas as produções das classes elitizadas ocuparem os espaços destinados à mostra de produções culturais da sociedade, a percepção sobre o que, afinal, é considerado arte e o que não é continuará sendo a mesma, e o condicionamento da produção artística dos pobres à marginalização será perpetuado. Ou, como defende Vaz (2011), “Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, pude perceber com maior clareza quanta responsabilidade a escola carrega em relação ao fato de ela ser um agente de transformação de pensamentos extremamente potente, tendo a oportunidade de dar cada vez mais espaço às igualdades ao debater temas como a pobreza e a desigualdade e colocar as produções artísticas e culturais das populações mais pobres em um lugar de onde nunca deveriam ter sido retiradas: o centro das atenções. É esse ambiente igualitário e livre de distinções, onde produtos como os representados através da Fotografia 1 e da Fotografia 2 possam ocupar os mesmos espaços e receber o mesmo prestígio, que a comunidade escolar deve pretender alcançar.

Atingir esse objetivo será, certamente, um processo longo e contínuo; antes disso, é preciso mediar uma transformação de pensamentos nos próprios espaços educativos, tendo em vista que alguns conceitos que reforçam preconceitos encontram-se enraizados



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

em nossa sociedade de tal maneira que as discussões acerca da temática da pobreza e da desigualdade social são urgentes.

Percebo, após muitas reflexões acerca de todas as questões abordadas neste relato, o quão revigorante é realizar uma visita à casa de um aluno e ter a certeza de que se sai dela uma pessoa melhor que se era antes de visitá-lo. Essa beleza que espanta, esse encanto que choca são capazes de, por alguns instantes, nos desestabilizar, provocando uma série de sentimentos frente a uma situação que, talvez, se vista com outros olhos, passaria despercebida. Uma cena possivelmente triste e que poderia até mesmo ser vista com pesar, justamente por retratar uma condição de vida tão precária, poderia provocar nos visitantes sensações de angústia, fatalismo ou até mesmo medo; porém, trazer conosco um olhar de sensibilidade, e não de julgamento, reverte um quadro moralizante e emprega, no seu lugar, a empatia.

Esse mesmo olhar cuidadoso e sensível é capaz de perceber o quanto estamos/estivemos errados todas as vezes em que relacionamos diretamente, mesmo sem uma intencionalidade, a riqueza material à dignidade, fazendo-nos lembrar que, embora não haja justiça no fato de realidades tão diferentes existirem, é possível, sim, ser feliz de ambas as maneiras.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AZEVEDO, José Garcia de. Apostila de Arte: Artes Visuais. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Pobreza e cidadania. Brasília: MEC/SECADI. 2013. 94p. Módulo I do Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Autoria de Alessandro Pinzani e Walquiria Leão Rego. Documento Disponível em . Acesso em 08 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Pobreza, direitos humanos, justiça e educação. Brasília: MEC/SECADI. 2013. 60p. Módulo III do Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Autoria de Miguel G. Arroyo. Documento Disponível em . Acesso em 08 ago. 2018.



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GIARD, L. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M. A invenção do cotidiano1: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

KLEIN, C. & DAMINICO J. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, D. E. & PARAÍSO, M. A. (Org.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. São Paulo: Objetiva, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org.) Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2009.

VAZ, Sérgio. Literatura, pão e poesia. São Paulo: Global, 2011.